UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DA CONTRACULTURA: A REVOLUÇÃO DOS JOVENS NORTE-AMERICANOS DOS ANOS 60

Thalyta Amália Feitosa Fernandes¹ | Ana Clara Guedes Valentim² | Daniel da Silva Gomes³ | Maria Ester de Araújo Josino⁴ | Maria Tayná Pereira Duarte⁵ | Victória Cândida Guedes de Lima⁶ | Erick Linhares de Holanda⁷

RESUMO

Trata-se de um estudo de caráter qualitativo descritivo, onde foi trabalhado o conceito de intencionalidade fenomenológica que, a princípio, foi fundamental para que os jovens norte-americanos dos anos 60 compreendessem que toda consciência de seus atos era uma consciência para algo. Assim, com essa consciência dirigida para um objetivo, se fez necessário entender a sua posição no mundo - o ser no mundo -, para entender qual seria o seu papel político na sociedade. Esses agentes políticos entenderam um modo de fazer política, através das micropolíticas, caracterizada pela militância que ocorreu em grupos de minorias. Esse estudo tem como objetivo fazer um comparativo acerca da contracultura dos jovens estadunidenses nos anos 60 em relação aos jovens brasileiros da atual conjuntura política que estão inertes, no que diz respeito à atuação sócio-política. Para isso realizou-se uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo descritivo, com a análise de periódicos científicos publicados nos últimos anos com os assuntos relacionados à fenomenologia, contracultura e política. Ao todo, foram analisados 36 artigos.

PALAVRAS-CHAVE

Contracultura. Fenomenologia. Política. Intencionalidade.

ABSTRACT

It is a qualitative and descriptive study, where the concept of phenomenological intentionality was worked on, which, at first, was fundamental for the young Americans of the 60s to understand that all awareness of their actions was a conscience for something. Thus, with this awareness directed towards an objective, it was necessary to understand his position in the world - being in the world -, to understand what his political role in society would be. These political agents understood a way of doing politics, through micropolitics, characterized by the militancy that occurred in minority groups. This study has as its objective to make a comparison about the counterculture of young Americans in the 1960s in relation to young Brazilians of the current political situation who are inert, with regard to socio-political performance. For that, a descriptive qualitative bibliographic research was carried out, with the analysis of scientific journals published in recent years with subjects related to phenomenology, counterculture and politics. In all, 36 articles were analyzed.

KEYWORDS

Counterculture. Phenomenology. Policy. Intentionality.

INTRODUÇÃO

Na década de 1960 pode-se evidenciar mudanças sociais e políticas ocorridas em diversas partes do mundo. Uma das revoluções ocorridas nessa década foi a contracultura, um movimento realizado pelos jovens da época, que tinha como finalidade libertar a sociedade de inúmeras repressões determinadas pelo governo e, também, advindas de uma sociedade altamente conservadora que instituía regras e leis compulsórias a todos os cidadãos, com um aspecto manipulador.

Realizar o estudo acerca dos jovens da década de 60, através de uma análise fenomenológica, é bem relevante, pois permite uma reflexão voltada para a consciência do ser dada para a sociedade. Isso possibilita que o indivíduo constitua seu posicionamento no mundo, a partir da tomada de consciência, e dessa forma possa se fazer presente nas várias ações sociais. Portanto, a importância desse estudo está associada diretamente aos jovens brasileiros da atual conjuntura política que se encontram inertes, buscando entender as causas para essa inatividade.

Com base na contracultura, é possível compreender como os jovens dos anos 60 nos Estados Unidos alcançaram seus propósitos. Pode ser tomado como exemplo as ações efetivadas por eles, como inovação na moda, modificação nas artes musicais, teatrais, etc. que buscavam a todo momento denunciar a forma opressora que a sociedade estava acometida. Ações como essas são marcos históricos e servem de exemplo para as gerações seguintes. Logo, é de fundamental importância que essa juventude brasileira atual se mantenha informada sobre os acontecimentos e que estimulem o seu senso crítico.

Para isso, a percepção sobre a intencionalidade é de grande ajuda, já que essa refere-se a uma consciência e toda consciência é consciência de algo para algo, cada intenção tem seu objeto intencionado, considerando as vivências do mundo. Além disso, a intencionalidade seria a forma como as experiências inacabadas atravessam o presente em busca de um futuro, tendo em vista que a intencionalidade atravessa o campo organismo-ambiente de maneira temporal, que é uma característica da experiência (SILVA, 2005).

Os jovens estadunidenses dos anos 60 não estavam satisfeitos com os padrões de vida que eram impostos naquela época, então eles adotaram medidas para colocar em prática suas ações revolucionárias. Assim, eles tomaram conhecimento do valor de suas atitudes no mundo (consciência de algo), a partir de suas trocas de experiências, e obtiveram um bom resultado em meio à sociedade, com as lutas contestatórias que realizaram para transformar os padrões estabelecidos (consciência para algo) (JUNIOR, 2002).

Com a repressão que cercava a população norte-americana jovem nos anos 60, fez-se necessário a adoção de práticas revolucionárias. De início, opta-se pelo uso das micropolíticas, as quais se manifestam por práticas e ações produzidas por pequenos grupos comunitários para intervir na sociedade. O uso das micropolíticas faz com que o indivíduo pense de um modo crítico acerca de si próprio e da sua posição no mundo, assim como possibilita a visualização da maneira de como está sendo feita política, para que seja possível obter conhecimento e assim reivindicar as ações do governo (SEIXAS, 2014).

Assim, é de suma importância conhecer e entender as revoluções juvenis da década de 60 nos Estados Unidos, uma vez que as mesmas foram responsáveis por conquistar direitos garantidos nos dias de hoje. Partindo do princípio fundador, essas revoluções tinham como base o desejo pelo fim

da manipulação governamental presente na citada época. Essas lutas ocorridas nos anos 60, executadas pela juventude, são trazidas nesse artigo como base para um comparativo com a atual conjuntura política juvenil brasileira e, como incentivo à participação do quadro sócio-político do país, visto que há alguns anos essa situação tem se tornado cada vez mais preocupante para os cidadãos (SOUZA, 2014).

As lutas que foram travadas pela população norte-americana juvenil da década de 60 são trazidas como forte exemplo para a atualidade, uma vez que é notável o comodismo por parte da juventude atual, principalmente em relação à assuntos de teor político. Desse modo, apesar dos atuais líderes políticos disseminarem discursos de ódio e opressão, não se vê nos jovens brasileiros de hoje o desejo pela luta. Uma das possíveis formas de explicar esse comodismo se dá por meio da falta de interesse desses jovens em estudarem e compreenderem o contexto sócio-político ao qual eles estão inseridos, para trabalharem seu senso crítico e serem capazes de intervir nas causas sociais (MARTINS, 2000).

Portanto, é possível notar que os jovens estadunidenses da década de 60 foram fortes ativistas sociais em defesa de seus ideais. Alicerçado a essa luta revolucionária, o presente estudo objetivou retratar as manifestações sócio-políticas realizadas nos Estados Unidos na década de 1960, evidenciar fatos que vêm ocorrendo na época atual com relação à inatividade sócio-política por parte dos jovens, traçar os possíveis motivos que expliquem essa estagnação juvenil e abordar prováveis estratégias para resolução dessa problemática, a fim de conscientizar os jovens a saírem de suas inércias sócio-políticas para tornarem-se ativos socialmente e politicamente.

REFERENCIAL TEORICO / REVISÃO DA LITERATURA

A DEFINIÇÃO DE INTENCIONALIDADE

Ao final do século XX, ocorre um crescimento da teoria fenomenológica de Husserl (Edmund Husserl foi um matemático e filósofo alemão que instituiu a escola da fenomenologia) onde ele irá traçar caminhos entre a intencionalidade da consciência até à definição das sínteses ativas e passivas no fluxo de vividos, fazendo assim manifestar-se uma reformulação sobre o seu método fenomenológico e então surgir a possibilidade da naturalização desta corrente (CASTRO; GOMES, 2015).

Segundo Tourinho (2013), ao absorver a intencionalidade como “objetividade imanente”, Husserl certifica-se que, no enredo da constituição intencional, os materiais sensíveis tendem a assumir uma posição decisiva, de certa forma, indo na direção do que é vivido em geral, eles vêm a servir como amparo para a intenção e essa tende a animar o vivido de significações. Com isso,

voltavam a aparecer pontos de vista acerca de que a doação dos sentidos que se dá devido aos atos intencionais da consciência não derivaria dos materiais sensíveis, entretanto, não iniciariam sem os mesmos.

A princípio, a ciência busca a fenomenologia como método de investigação, sobretudo quando se atribui sua concepção de que o fenômeno psíquico é construído com base na intencionalidade, a partir de uma condição própria da vida psíquica para além de si mesma. Para Husserl, ainda assim, o real da forma como tomada pelo conhecimento empírico jamais pode ser manifestada como intrínseca de uma pesquisa científica exatamente perceptível e rigorosa (FEIJOO; GOTO, 2016).

A definição de intencionalidade da consciência é crucial e característica na fenomenologia de Husserl, pois nessa se é estabelecida os "objetos" da consciência. A intencionalidade institui síntese ou unidade, uma constituição ativa ou passiva, essa ideia de síntese diferencia-se do habitual, visto que não se limita à síntese do juízo (ZILLES, 2007).

Para a fenomenologia, denomina-se ciência noética o estudo do movimento ativo intencional de pensar um objeto. Husserl entende a intencionalidade da consciência como distintivamente operante, essa intencionalidade é pré-reflexiva, transitando entre puro fluxo e momentos reflexivos sobre o fluxo. A concepção de fluxo para Husserl se dá acerca da existência única do presente na experiência e assim por exemplo, as recordações passariam a ser imagens no presente, resgatadas no horizonte das intenções (CASTRO; GOMES, 2015).

Pode-se falar que o conceito de “intencionalidade” atribui, segundo Husserl, um dever importante relacionado ao propósito da filosofia fenomenológica. Ele mantém, assim como o pensamento de Brentano (filósofo que dedicou seus estudos a entender os atos e processos psíquicos e foi mestre de Edmund Husserl), a concepção de que a intencionalidade é a característica da experiência de ter consciência de algo. Partindo disso, Husserl define a intencionalidade como sendo a peculiaridade em virtude da qual as vivências são vivências de alguma coisa e fala que a intencionalidade é um conceito fundamental para a fenomenologia em seu início (TOURINHO, 2013).

Husserl então rompe com algumas teorias sobre fluxo, tentando livrar-se assim de todo e qualquer resíduo psicológico da consciência para que não seja perdida a sua real essência. Contudo, é importante frisar que a visão de fluxo para James – psicólogo e filósofo americano que foi rotulado como o pai da psicologia americana - se opõe a todas as teses associacionistas no que se refere ao processo mental, onde o pensamento é entendido como um misto de elementos independentes que se assemelham aos átomos da percepção (CASTRO; GOMES, 2015).

Percebe-se que Husserl se refere às investigações empíricas relacionadas em um método, o método científico que presume as coisas. Isso significa sair do domínio exclusivamente empírico (real, factual) e se torna transcendente (irreal, eidético), pois confessa que a fenomenologia não se

deve a um conceito que se relaciona com os investigadores em psicologia. A teoria da intencionalidade não nega a grandeza empírica, mas faz-se livre de uma visão exclusivamente fática dos objetos da consciência, tornando possível o estudo não somente em um ponto de vista naturalista (FEIJOO; GOTO, 2016).

Referente a originalidade de Husserl quanto ao conceito, observa-se que as análises em volta da intencionalidade não pertenceriam mais ao que é meramente empírico. Assim, os setores de investigação quanto à intencionalidade, seriam ampliados, cabendo também pesquisar os elementos que, na ação pretendida da consciência pura, seriam encarregados pelo estabelecimento das diversas variedades do “aprender” enquanto tal (TOURINHO, 2013).

Uma concepção que Husserl recebeu da psicologia descritiva de Brentano foi o princípio da intencionalidade. De acordo com Brentano, a intencionalidade tem um aspecto do psiquismo, a ligação com um objeto, tanto que associar-se ou direcionar-se pertence ao significado do psiquismo: observar, amar e considerar alguma coisa. Isso não sucede da clara união de um corpo ao outro, já que as ações psíquicas se mantêm eles mesmos no momento que o objeto visado é fictício ou impecável/devaneio da assimilação ou ocupação com "coisas" impalpáveis (ZILLES, 2007).

Diante disso, a intencionalidade seria a forma com que as experiências inacabadas atravessam o presente em busca de um futuro. No entanto, a intencionalidade é a marca crucial da consciência, já que ela atravessa o campo organismo-ambiente de maneira temporal, o que caracteriza a experiência (SILVA, 2005).

Ademais, Husserl constantemente referiu-se ao empírico de maneira que se encontrava em um jogo que, para ele, era como se estivesse amparando as coisas em sua perspectiva empírica. Na construção dessa ideia ele deixa convincente que se refere não somente ao elemento empírico (real, fatos) exatamente, mas à formação do empírico. Porém, desde o início possui o obstáculo no qual um método filosófico-fenomenológico pode ser usado por uma ciência empírica natural (FEIJOO; GOTO, 2016).

Para compreender a fenomenologia de Husserl, é necessário entender de que forma ele mostra a estrutura da consciência como intencionalidade, uma vez que todo significado e valor a oferecer ao “ser” se embasam em finalidades intencionais. Com essa diminuição, o “ser” se mostra como circunstância de probabilidade de ter em vista o mundo (fenômeno), assim a diminuição dirige-se ao “ser” como subjetividade (ZILLES, 2007).

O princípio da intencionalidade é que "toda consciência é consciência de algo", tendo em vista as vivências do mundo que se dão todas através da consciência. Só se torna consciência quando está sendo dirigido a um instrumento que apenas ela pode defini-lo, e só assim passa a ter seu sentido próprio (SILVA, 2005).

Na esteira da ideia de intencionalidade, pode-se notar ainda a "matéria subjetiva" que consiste em uma compreensão qualquer. A consciência de um objeto qualquer passaria através dos dados formados pelos conteúdos sensíveis, que vai ao longe das sensações consideradas externas, mas como os impulsos, sentimentos, etc. (SILVA, 2005).

Outro estudioso fenomenológico que desenvolveu uma definição para intencionalidade foi Sartre. Para ele, a intencionalidade da consciência está relacionada ao "ser" que surge a partir de uma subjetividade vital, a qual age como suporte e estadia para a experiência. Isso significa que a experiência poderá ser permanente e reduzida a um objeto transcendente, o qual é o elemento de consciência ativa ponderado por Sartre (CORBINIANO; BERGAMO, 2016).

Contudo, é necessário considerar e compreender o sujeito ativo e empírico como um indivíduo liberto do fardo subjetivo advindo da sua identidade peculiar, visto que a consciência se constitui no transcurso proveniente de uma relação fundamentada em instâncias, as quais fazem interligação do "ser" e o outro, excluindo qualquer privilégio de alguma das partes (CORBINIANO; BERGAMO, 2016).

Dessa forma, a intencionalidade é exclusiva da consciência que surge externamente do mundo afora, o que o torna um utensílio para a consciência. Assim, intencionalidade é o mesmo que ser consciente de algo, indicando o processo de apreender, através de diversas maneiras conscientes possíveis, objetos que vêm de fora para tornar-se conscientes através da experiência (CORBINIANO; BERGAMO, 2016).

REVOLUÇÃO SOCIAL A PARTIR DA CONSCIÊNCIA INTENCIONAL DE SI

Nos Estados Unidos, a década de 60 foi uma época onde as pessoas eram reprimidas e precisavam seguir um padrão de vida ditado pelo governo e pela sociedade, os jovens dessa época, cansados de tamanha repressão, resolveram revolucionar tudo aquilo que lhes eram impostos com movimentos de contestação que buscavam a liberdade social, sexual, cultural e outras, a fim de quebrar tudo que até então era determinado.

Os anos 60 na América do Norte, especificamente nos Estados Unidos foram destaque por grandes militâncias sócio-políticas e equipes de jovens rebelados impulsionados por conceitos profundos que intencionavam mudar as sociedades de seus países. Essa época também teve destaque pelo vasto aumento das ideias utópicas. Em sua pregação afloraram equipes, pessoas e movimentos vinculados com uma espécie de confiança no alvorecer de um novo mundo. A descrição desses acontecimentos mostra o tom comovente desta vasta e diferenciada concorrência ideológica pelo domínio do imaginário social assumido naqueles anos (WAINBERG, 2012).

Colocando um pouco de lado o movimento dos anos 60, é importante abordar sobre a fenomenologia, a psicologia fenomenológica fundada por Edmund Husserl na Alemanha, que se trata de um estudo baseado na desconstrução de conceitos prévios ou pré-estabelecidos, integrantes da consciência que possam influenciar diretamente na aquisição das experiências vividas no meio. Ele afirma que a intencionalidade é uma consciência de algo para algo e dedicou-se a estudar como os objetos são fundamentados na experiência do indivíduo, acerca da qualidade desses e sua estrutura após o processo de experiência do sujeito (PIRES, 2012).

Husserl inspirou-se nas discussões de Franz Brentano sobre a intencionalidade para embasar seus estudos e conceituar a sua fenomenologia, sendo uma fenomenologia crítica a todas as ciências objetivas ou mensuráveis. Mas, qual a relação dessa intencionalidade definida por Husserl com a revolução dos anos 60 mencionada anteriormente? (MOREIRA, 2010).

Está relacionado com a teoria de Husserl, a partir do momento em que os jovens da década de 60 passam a ter consciência da forma como estavam agindo no mundo e começam a perceber como as pessoas se comportavam diante às ações deles. Assim, eles observaram que não estavam satisfeitos com a situação em que se encontravam e decidem fazer algo para mudar aquela realidade que não os agradava. Eis aí a consciência de algo para algo definida por Husserl na prática (FEIJOO; MATTAR, 2014).

Ao tomarem consciência de sua posição no mundo, os jovens dessa época adotaram medidas para iniciar o processo de revolução. Um termo criado pela indústria norte-americana na década de 1960 foi a contracultura, esse termo era usado para definir as manifestações culturais que estavam surgindo naquela época, manifestações essas que não apareciam só nos Estados Unidos, mas também em diversos outros países (na Inglaterra, por exemplo), porém em uma menor intensidade. Essas manifestações se opunham à cultura presente na época, assim, o termo contracultura vinha a designar uma anticultura (SANTOS; TAGLIAMENTO, 2015).

Um dos primeiros passos para a criação da contracultura foi quando despertou nos jovens, antes mimados e criados na abundância, o desejo de buscar novos caminhos para que pudessem alcançar um prazer que, até então as normas sociais os impediam. Com isso, buscaram conceber uma nova cultura, isto é, a contracultura. Esse termo é pertinente, pois um dos traços básicos desse fenômeno é a situação de se contrapor, de diversas maneiras, à cultura que era atualmente oficializada (BIAGI, 2017).

Na teoria fenomenológica, Husserl acredita que a consciência não é uma matéria (alma) mas, é formada por ações do indivíduo que visam alguma coisa como imaginação, percepção, desejos, pensamentos e outros. Dessa forma, a fenomenologia deve se encarregar de selecionar, dentre esses atos, quais são essenciais para a consciência, vale ressaltar que o ponto essencial da consciência é a intencionalidade que é sempre uma consciência de algo para algo (MOREIRA, 2010).

Para a fenomenologia a consciência não se dá por si só, como algo que independe do mundo exterior, dos objetos e do outro, essa visão é atribuída à um caráter representativo pelos escolásticos para determinar uma consciência luminosa. A noção de uma consciência intencional está ligada ao ato da consciência ser sempre consciência de algo, com isso sempre vai partir de algo para algo e essa ideia é muito bem representada no movimento revolucionário dos jovens na década de 60, dado que eles foram orientados por fatores externos e por trocas de experiências, para colocarem em prática suas ações revolucionárias (JUNIOR, 2002).

A partir de alguns princípios de intencionalidade, é atribuído ao objeto o que ele verdadeiramente é, por exemplo: se existe amor algo está sendo amado e, igualmente, se existe a presença de ódio é porquê existe um motivo ou algo a ser odiado. Então, Husserl através disso irá definir a intencionalidade como sendo algo inerente ao conhecimento, portanto, essa intencionalidade teria que ser objetiva. No contexto da revolução, o objeto em questão eram as normas e padronizações impostas pela sociedade opressora, machista e conservadora a qual era intensamente repudiada pela população juvenil e estava prestes a ser confrontada (JUNIOR, 2002).

Segundo Merleau-Ponty (filósofo francês que aprimorou os conceitos de Husserl na contemporaneidade), a consciência nunca é plena, ela sempre está por realizar-se na existência. Com isso, na percepção acontece uma diminuição da consciência no estudo psicológico, ou seja, coloca em foco o corpo e a existência pois, todo corpo possui uma história e sua subjetividade revela que contém traços do mundo natural e cultural, como aconteceu no movimento revolucionário juvenil quando eles utilizaram de sua corporeidade para transcender suas revoltas pelo corpo e assim construir sua consciência (FREITAS et al., 2015).

Esse movimento sociopolítico teve como principal característica a recontextualização dos padrões de valores que eram estabelecidos, e essa se dá não somente na negação dos valores impostos, mas também na afirmação de novos valores (CARDOSO, 2005).

Heidegger, um famoso filósofo alemão da corrente existencialista, define o conceito de ser no mundo o qual ele intitula de *dasein* (palavra alemã que significa “ser aí”) e se trata de o indivíduo instituir seu lugar no mundo em que vive a partir das suas ações advindas de sua consciência intencional (de algo para algo) ou até mesmo sua consciência perceptiva – consciência definida por Merleau-Ponty em seus estudos sobre “Fenomenologia da Percepção” (MOREIRA, 2010).

Nesse estudo, Merleau-Ponty afirma que a consciência é formada por atos que são orientados pelas experiências que se adquire externamente, ou seja, através da observação dos objetos e pessoas ao redor. Tudo que se têm integrados na consciência é fruto da observação do mundo e do que está ao redor, assim nada que o sujeito possui é dele ou surgiu a partir de si mesmo, mas veio de fora e é sempre para algo em seu meio (MOREIRA, 2010).

Por fim, pode-se concluir que no momento em que os jovens norte-americanos dos anos 60 se rebelaram com atos revolucionários para mudar seu contexto social, eles estavam posicionando-se no mundo, definindo o seu “ser no mundo” segundo foi retratado por Merleau-Ponty em seus estudos.

MICROPOLÍTICAS E PRAGMATISMOS BASEADOS NA FENOMENOLOGIA

A repressão social presente nos anos 60 nos Estados Unidos impulsionou os jovens da época a buscar pelas quebras de padrões sociais impostos. Eles começaram a reivindicar seus direitos de autonomia e lutar pela quebra do monopólio político e social existente. A partir dessa insatisfação, por meio de manifestações e ademais atos revolucionários, os jovens colocaram em prática as suas ideias e desfrutaram de micropolíticas como forma de alcance a seus objetivos.

Mas, afinal, o que são micropolíticas? As micropolíticas são práticas e ações produzidas por pequenos grupos comunitários para intervir na sociedade, ou seja, elas são criadas no cotidiano podendo ser praticadas individualmente ou de forma coletiva, com o intuito de agir sobre determinadas ações impostas socialmente e que representam uma certa padronização no estilo de vida ou podem caracterizar também repressões sociais (ARGILES et al., 2017).

As micropolíticas possibilitam reflexões sobre as relações sociais e a produção da subjetividade humana, tendo em vista que Michel Foucault – filósofo e psicólogo francês - defende a produção de um pensamento crítico da sociedade, a partir do reconhecimento de si próprio no presente e levando em consideração a forma de pensar e agir com os outros e consigo mesmo, a fim de demonstrar que tal coisa pode ser diferente do que ela é, dessa forma abrindo caminhos para novos diálogos e instituindo assim o poder de governo que Foucault retrata em suas obras (SEIXAS, 2014).

O conceito de poder para Foucault é de extrema importância ao retratar assuntos como a política, por exemplo. Segundo Foucault, o indivíduo deve obter a arte de governar a si mesmo e para isso faz-se necessário que ele potencialize sua razão, de acordo com suas limitações, e torne-se um ser mais instruído para que dessa forma ele alcance uma autonomia intelectual, política e ética (SEIXAS, 2014).

Assim, o poder deve ser algo que permitirá que o indivíduo realize atos para instituir seu autogoverno, e para Foucault o poder poderia ser de forma positiva, onde este orienta a vontade do sujeito para satisfazer desejos e assim aperfeiçoar um método, ou de forma negativa que caracteriza um poder manipulador o qual controla os indivíduos determinando seus comportamentos, com o propósito de formar um perfil aceitável para inserir este na sociedade (ZEIN; KNOERR, 2013).

Entretanto, Foucault enfatiza que nenhum poder qualificado como repressor teria condições de se manter, dado que em algum momento poderiam ocorrer revoltas e manifestações objetivando devidas mudanças e promovendo a liberdade. Percebe-se que o poder não se atribui somente nas

instituições dominantes, que regulam a vida humana sobre a criação de políticas, mas que este está em toda parte. Portanto, as micropolíticas são como uma formação de forças que atuam diretamente na vida dos sujeitos e também os auxiliam como criadores da sua subjetividade, visando mudanças no seu estado atual (CALOU, 2019).

Todavia, antes de prosseguir com a discussão a respeito da micropolítica no contexto da contracultura, é significativo discorrer sobre um conceito indispensável para a compreensão das atividades micropolíticas: o pragmatismo. O pragmatismo é um método de produção teórica de pensamentos que busca uma estratégia de construção de conceitos voltados para as práticas sociais. Foi fundado por Charles Peirce, um filósofo, cientista e matemático que passou a refletir sobre o que mais tarde seria o método pragmático (PIRES, 2017).

O pragmatismo de Peirce não é um fundamento filosófico, mas sim um método lógico investigativo que tem por finalidade buscar e esclarecer princípios discutidos. Peirce baseou-se nas ciências exatas, sua área de atuação, dado que a lógica trabalha com explicações concretas e que podem ser experimentalmente comprovadas, ou seja, possui caráter objetivo e está empenhada em agir sempre com maneiras para determinar e concluir ideias especulativas (POZZOLI, 2016).

Assim, o pragmatismo surge com a mesma concepção e mesma atuação da máxima lógica. A teoria pragmática de Peirce foi influenciada também pela lógica da abdução (pertencente aos três tipos de raciocínios definidos por Charles Peirce, juntamente com a indução e a dedução), visto que a abdução é um processo que verifica os fatos e traça uma teoria para explicá-los e é considerada como o raciocínio que mais contribui para o progresso do conhecimento científico, em virtude de que essa procura fornece probabilidades por meio de pressupostos que levam a novas descobertas e assim qualificam a metodologia de conhecimento científico (POZZOLI, 2016).

Dessa forma, o pragmatismo é visto como algo onde as ideias são uma espécie de mecanismos de ação, ou seja, elas só vão ter uma real utilidade se produzirem resultados objetivos. Ela se solidifica na utilização prática, sendo assim, isso ocorre quando uma certa ideia se transforma em um ato. Dentro do pragmatismo a verdade é trazida como sendo apenas aquilo que se efetiva como uma prática (MENEGHETTI, 2007).

Retomando a discussão com relação à micropolítica e a contracultura, é importante frisar a visão de política foucaultiana para assim estabelecer qual a ligação existente com os movimentos sociais norte-americanos ocorridos na década de 60. Como já foi abordado, a contracultura se deu a partir do momento em que jovens atuaram como militantes sociais, e segundo Costa et al., (2016), o termo “militante” é definido como o sujeito que milita e que intervém ativamente em prol de alguma causa.

Logo, a revolução juvenil dos anos 60 ocorrida nos Estados Unidos, foi uma luta militante onde os sujeitos envolvidos buscavam produzir seu próprio governo apoiados nas concepções

consequentes de sua subjetividade e de seu posicionamento no mundo. Uma visão freudiana acerca do Estado político afirma que o Estado atua sobre um povo oferecendo segurança, normas e equilíbrio, mas a troca de opressões e de regimes controladores que determinam e regulamentam o que deve ser e o que não deve ser (COSTA et al., 2016).

Dito isso, é nítido – a partir das argumentações aqui apresentadas – que os jovens norte-americanos dos anos 60 sofriam bastante com essas repressões sociais e que eles resolveram governar-se ao instaurarem sua micropolítica, que tinha como objetivo promover a liberdade social, sexual, política, etc. Assim sendo, isso pode ser entendido com base na percepção de Foucault, onde ele fala que o indivíduo deve elaborar sua crítica da situação e então determinar contra o que vai lutar, a partir de condutas sobre ações que irão possibilitar conduzir outros e a si mesmo designando assim a postura governamental (SEIXAS, 2014).

A GESTALT E A POLÍTICA NA CONTEMPORANEIDADE

A participação ativa dos jovens na militância em busca de seus direitos durante a revolução norte-americana dos anos 60 foi de fundamental importância para desenraizar estigmas da época. Contudo, apesar dos ataques contra a democracia que atualmente o povo brasileiro vem enfrentando com a atual gestão, não se percebe o despertar dos jovens brasileiros para essa atuação política com o intuito de mudança e luta, que era tão característico nos norte-americanos dos anos 60.

Abordando a palavra política a partir da etimologia grega, vê-se que “política” surgiu designada de *politika*, que seria o plural neutro de *politikós*. Assim, política é a ciência de governar, e é usada para instaurar métodos, normas e leis com o intuito de conduzir uma sociedade e estabelecer a ordem. No entanto, muitos se prendem à política como sendo algo apenas governamental e, com isso, criam uma grande negação relacionada ao termo devido a uma associação com o partidarismo ou atos de militância política (HASHIZUME, 2014).

Porém, vale ressaltar que o termo política transcende essa política governamental e estatal, diferente do que alguns pensam. Esse termo abrange cada ato de se opor, reivindicar e lutar por algo, quando surge uma insatisfação com algo na sociedade e são reivindicadas melhorias, esses militantes estão exercendo seus papéis de cidadãos, como também estão fazendo política. Para isso, é necessário que, antes de tudo, eles possuam a devida consciência da sua participação no mundo e a importância dessa nesses atos (CARPENTIER; MELO; RIBEIRO, 2019).

Como já foi apresentado, os jovens estadunidenses da década de 60 buscavam reivindicar o governo mesmo que eles não pudessem ver todas as faces deste problema, eles então se depararam com uma problemática a ser resolvida que seria a segregação do governo de impor regras, visto que o fundo desta situação era o que dava sentido a esta causa, ou seja, o que dava sentido a esta revolução

era a busca pela queda da manipulação do governo que estava sendo vivenciada por todos (SOUZA, 2014).

Na concepção de que um ato político é tudo aquilo que determina tomar decisões e buscar valores éticos, o papel do ser na sociedade é de um ser ativo, pois a todo instante ocorrem determinadas situações nas quais são necessárias agir e tomar decisões. Assim, como aborda a Gestalt, deve-se enxergar o problema como um todo, ir à busca da figura e fundo e exercer o lado crítico. Um exemplo prático e atual seria a figura desses jovens na sociedade na qual estão sendo ativos, porém eles acabam visualizando apenas o que é apresentado através das mídias e autoridades e não se preocupam em buscar realmente o que há além do problema exposto, que seria o fundo da situação (PRESTRELO, 2012).

A mencionada revolução juvenil (a contracultura) abre demasiados questionamentos sobre o porquê dessas manifestações não estarem acontecendo na presente sociedade, onde ocorre, por parte do governo, uma regressão a tudo aquilo que foi conquistado com muita bravura e, o principal de tudo, uma gigantesca alienação e disseminação de discursos de ódio que surge do governo e dos cidadãos, os quais permitem se contaminar com tais discursos. Dessa maneira, as pessoas acabam se prendendo a assuntos dos governantes que são ademais à política e, se igualam aos mesmos (BRUM, 2019).

A partir do momento em que são disseminados julgamentos a um deputado federal, como o Alexandre Frota - ex-ator pornográfico brasileiro que desde 2019 exerce o cargo de deputado federal em São Paulo, filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) - por exemplo em relação à sua carreira de ator pornô, automaticamente está sendo colocado a carreira dele do passado para jogo, quando o que deveria valer e ser julgado seriam as suas ações do presente na atuação política, o que está acontecendo aqui e agora. A partir do momento em que isso ocorre, está sendo concedido um espaço para os governantes ganharem tempo e espaço para fazerem tudo aquilo que desejam no poder (BRUM, 2019).

O que poderia ser a resposta para essa negligência, partindo não só dos jovens, mas de toda a sociedade, seria tomar consciência da sua posição no mundo, o seu ser no mundo, tendo em vista a importância da consciência do seu papel de cidadão, onde este deve ter entendimento dos seus direitos e deveres. Direitos estes que são desrespeitados, mas que se tornam fatos encobertos, pois as práticas midiáticas de alienação trabalham com o reforço de outras problemáticas, fazendo com que as principais sejam esquecidas (MARTINS, 2000).

De acordo com o que foi abordado até aqui sobre micropolítica, sabe-se que os jovens norte-americanos dos anos 60 utilizaram essa perspectiva para criar sua própria política e fazer com que ocorresse uma mudança na sociedade da época citada. Diante disso, é compreendido que a realidade não é algo fixo, ou seja, muda conforme o tempo vivido como pode ser observado de acordo com os

jovens brasileiros da conjuntura política da atualidade, os quais se prendem apenas ao que é retratado, acomodam-se a tal ponto de não irem em busca de viver a experiência deixando de lado todos os a priori (PRESTRELO, 2012).

Levando em consideração a contracultura, na atualidade esses jovens devem ser questionadores sociais e acima de tudo devem ser críticos, enxergando a realidade tal como ela é – buscando sempre se desprender de seus a priori - e mantendo o envolvimento nas tomadas de decisões, a fim de influenciarem nas escolhas políticas e sociais, para assim exercerem seu papel político e seguirem lutando por seus direitos (GUTIÉRREZ, 2019).

Por conseguinte, os jovens norte-americanos dos anos 60 são trazidos aqui como base de referência para a juventude brasileira contemporânea, buscando mostrar a participação ativa que se deu na década de 60 nos Estados Unidos, e assim, fazer um comparativo com o comodismo político da juventude atual brasileira. Na política, o conceito de cidadão está inteiramente relativo com a participação e o embarcamento dessas pessoas nas tomadas de decisões, a fim de interferirem nas escolhas feitas direcionadas para o corpo social (GUTIÉRREZ, 2019).

Essa também é uma forma de agir sobre a política instaurada com a intenção de estar sempre por dentro de tudo o que está acontecendo e que afeta diretamente a população, é extremamente importante para a democracia que os cidadãos sejam participantes, com o objetivo de influenciar nos interesses e confortos individuais e coletivos para que, dessa maneira, as medidas adotadas possam ser justas. Por essa razão, os jovens do século atual devem agir insistentemente para combater o autoritarismo vigente e resgatar a democracia que está sendo, aos poucos, exterminada (GUTIÉRREZ, 2019).

METODOLOGIA

Para realizar a discussão do assunto apresentado, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo descritivo, com a análise de periódicos científicos publicados nos últimos anos com os assuntos relacionados à fenomenologia, contracultura e política. Ao todo foram analisados 36 artigos, de acordo a análise de conteúdo sugerida por Bardin (1977).

CONCLUSÃO

Partindo do estudo bibliográfico realizado e visando os argumentos apresentados, observa-se a importância da participação juvenil na situação sócio-política nos anos 60, uma vez que a partir de seus posicionamentos surgiram movimentos que se opunham aos ditados até então. Embasado nisso

e na atual situação política do Brasil, apareceram questionamentos voltados à juventude atual e sobre como os jovens tornaram-se politicamente cômodos.

Ao discutir o conceito de intencionalidade ao longo desse estudo, compreendeu-se que a tomada de consciência a respeito de assuntos relevantes, como o contexto sócio-político vivenciado pelo indivíduo, é pertinente para que o sujeito desenvolva seu pensamento crítico e, dessa forma, possa compreender em toda sua potencialidade os acontecimentos que o cercam dentro de sua vivência social (MERTENS, 2012).

Essa tomada de consciência diz respeito ao indivíduo entender como funciona o mundo em que está inserido e ter amplo conhecimento sobre os assuntos significativos para a sua convivência social, e a melhor maneira de desenvolver essa consciência é através da educação, uma vez que um sujeito dotado de conhecimentos científicos e filosóficos possui pleno potencial para exercer seu papel social por meio de intervenções políticas e sociais, com o objetivo de se fazer presente nas decisões que o Estado tomar em prol de seus cidadãos. Assim o jovem ativo irá garantir que tais medidas sejam de fato favoráveis a todos de maneira geral e justa (CATINI; MELLO, 2016).

Contudo, percebe-se que a população juvenil brasileira da situação política atual está cada vez mais omissa na política e deixando de interferir nos movimentos sociais a fim de atuar no desenvolvimento comunitário. Dessa maneira, eles se entregam ao comodismo intelectual e social por viverem em uma época onde parte dos seus direitos e privilégios se encontram conquistados pelas lutas que ocorreram no passado. Consequentemente, esses jovens não fazem jus às batalhas sócio-políticas que a juventude estadunidense dos anos 60 traçou tão bravamente, e que resultaram nas conquistas que hoje podem ser usufruídas na íntegra (DIAS; DOULA; CARDOSO, 2016).

Por conseguinte, fundamentado nos pressupostos aqui apontados, propõe-se que os jovens brasileiros de hoje participem ativamente nas questões sociais e políticas, e isso pode ser feito mediante o reconhecimento do indivíduo de suas próprias potencialidades e, assim, fazer uso delas a favor de manifestar-se por meio de atividades as quais possuam total propriedade. Um exemplo disso são as manifestações artísticas como músicas, textos, pinturas e moda como forma de revolução e luta por seus ideais (ARAUJO; MOEHLECKE, 2017).

Sendo assim, com essas atitudes, os jovens brasileiros do atual contexto político adotariam seu posicionamento no mundo, ou seja, estariam constituindo o “ser no mundo” (o *dasein*, conceito definido por Heidegger), posto que eles exerceriam seu lugar no meio em que vivem, segundo suas condutas. Então, a juventude brasileira atual retomaria as lutas norte-americanas instauradas nos anos 60 e daria continuidade trazendo para a atual situação e ao que necessita ser confrontado, de acordo com as necessidades, mas diferentemente dos revolucionários da década de 60, a população juvenil de hoje no Brasil conta com maiores recursos que facilitam e amplificam suas lutas, recursos esses que os jovens do passado não possuíam (MOREIRA, 2010).

Um desses recursos, por exemplo, é a internet, que proporciona grandes possibilidades de mudanças e também permite uma maior visibilidade na mídia, servindo assim como uma ferramenta significativa para a propagação de suas manifestações e de informações sobre suas ideologias, com a intenção de alcançar mais pessoas (BAQUERO; BAQUERO; MORAIS, 2016).

Juntamente a isso, as micropolíticas também assumem um papel importante nessa busca por tirar os jovens brasileiros de seu comodismo, pois, baseado nas argumentações feitas até aqui, esses jovens podem utilizar esses meios de comunicação em prol de criar micropolíticas, juntamente com outros contestadores, para alicerçar suas manifestações e organizar seus protestos de diversas maneiras que alcance toda a população e traga visibilidade das suas contestações, para que assim suas lutas sejam valorizadas na sociedade e ganhem força (NETO, 2015).

Retornando à discussão inicial, vê-se que a educação é a principal fonte para ter conhecimento de seus direitos e deveres. No ano de 2019, após gastos destinados à educação serem cortados e considerados como "fúteis", aconteceu um movimento em todo o Brasil de contrarreforma na educação, movimento esse que foi abarcado por um todo (PORTAL G1, 2019).

Inúmeros jovens brasileiros advindos de mais de 220 cidades de todo o país saíram para as ruas com o objetivo de revolucionar à sua maneira, alcançando assim alguns resultados esperados para o movimento. Esses jovens conseguiram se unir de todas as partes do Brasil e juntos promoveram uma micropolítica defendendo o contínuo investimento e também melhorias na educação brasileira (PORTAL G1, 2019).

Essa contrarreforma ocorrida em 2019 é um exemplo válido do valor da atuação sócio-política dos jovens brasileiros, os quais devem estar cada vez mais dispostos a adquirirem conhecimentos filosóficos e científicos para desenvolverem seu senso crítico, dessa forma eles estarão aptos a lutar contra todo tipo de tentativa de opressão proveniente do governo. Vale ressaltar que a educação modifica o homem e o torna consciente de tudo aquilo a que tem direito. Sem essa educação o indivíduo se torna um ser alienado e fácil de ser manipulado por um governo repressor, que por muitas vezes utiliza-se de meios impróprios para impedir que as pessoas atuem de forma crítica (COSTA et al., 2016);

Por fim, outro ponto importante a ser discorrido refere-se à ampliação da visão desses sujeitos ativos para desviarem seu foco de assuntos que dizem respeito a apenas a parte de um todo. Ao invés dos indivíduos concentrarem sua atenção a partes pequenas de acontecimentos políticos, eles devem estar sempre buscando compreender o todo a fim de analisar o contexto de uma forma geral, assim será possível realizar uma análise completa dos eventos acontecidos e fugir de todo tipo de pensamento incompleto ou sem fundamento. Tal menção está bem relacionada à teoria da Gestalt onde se faz necessário sempre enxergar o todo (PRESTRELO, 2012).

Levando em consideração os argumentos aqui apresentados, fica a reflexão para que a população jovem brasileira do atual âmbito político se fundamente cada vez mais nos jovens norte-americanos dos anos 60 e retomem as atuações sócio-políticas daquela época para os dias de hoje, alcançando assim mais visibilidade social e respeito pelas manifestações que são necessárias serem feitas, para impedir todo e qualquer tipo de dominação política advinda do Estado, repressões essas que foram enfrentadas nos Estados Unidos nos anos 60 e que hoje nos possibilitam desfrutar de uma democracia que aos poucos vem sendo ameaçada.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Denise Castilhos; MOEHLECKE, Daniele Souza. Análise Semiótica Das Manifestações Culturais Da Capa Do Disco Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band (The Beatles). Panorama, Goiânia, p. 47-51, 22 dez. 2017.

ARGILES, Carmen Terezinha Leal et al. Procedimientos de subjetivación de trabajadores y usuarios en las relaciones micropolíticas del modo de atención psicosocial. Avances En Psicología Latinoamericana, [s.l.], v. 36, n. 2, p. 285-297, 27 abr. 2018.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAQUERO, Marcello; BAQUERO, Rute Vivian Angelo; MORAIS, Jennifer Azambuja de. Socialização Política E Internet Na Construção De Uma Cultura Política Juvenil No Sul Do Brasil. Educação & Sociedade, [s.l.], v. 37, n. 137, p. 989-1008, dez. 2016.

BIAGI, Orivaldo Leme. A Contracultura e o Rock 'N Roll: A Relação dos Movimentos de Contestação Social E A Música Jovem dos Anos 60 e 70. Revista Técnico-Científica Das Faculdades Atibaia, [S. l.], p. 163 - 168, 12 jun. 2017.

BRUM, Eliane. Cem dias sob o domínio dos perversos. El País, [S. l.], p. 1 - 10, 12 abr. 2019.

CALOU, Antonio Leonardo Figueiredo. Vidas indestrutíveis: micropolíticas da pobreza na vida homossexual: micropolíticas da pobreza na vida homossexual. Fractal: Revista de Psicologia, [s.l.], v. 31, p. 236-243, 4 set. 2019.

CARDOSO, Irene. A geração dos anos de 1960 o peso de uma herança. Revista de sociologia da USP, [S. l.], p. 93 - 107, 15 nov. 2005.

CARPENTIER, Nico; MELO, Ana Duarte; RIBEIRO, Fábio. Resgatar a participação: para uma crítica sobre o lado oculto do conceito: para uma crítica sobre o lado oculto do conceito. Comunicação e Sociedade, [s.l.], v. 36, p. 17-35, 20 dez. 2019.

CASTRO, Thiago Gomes de; GOMES, William Barbosa. Da intencionalidade da consciência ao método progressivo regressivo em Husserl. Psicologia Usp, [s.l.], v. 26, n. 1, p.90-99, abr. 2015.

CATINI, Carolina de Roig; MELLO, Gustavo Moura de Cavalcanti. ESCOLAS DE LUTA, EDUCAÇÃO POLÍTICA. Educação & Sociedade, [s.l.], v. 37, n. 137, p. 1177-1202, dez. 2016.

CORBINIANO, Simone Alexandre Martins; BERGAMO, Thelma Maria de Moura. Consciência, intencionalidade e liberdade: contribuições de Sartre na formação do sujeito. *Educar em Revista*, [s.l.], n. 59, p.263-275, mar. 2016.

COSTA, António. Fenomenologia e subjetividade: Análise fenomenológica do conhecimento: representacionismo versus antirrepresentacionismo. *Revista Estudos Filosóficos*, [S. l.], p. 34 - 54, 18 dez. 2014.

COSTA, Pedro Henrique Lucas; PARAVIDINI, João Luiz Leitão; PRÓCHNO, Caio César Souza Camargo; NEVES, Anamaria Silva. DO ESTADO À MICROPOLÍTICA: laço social e modalidades de (r) existência. *Psicologia & Sociedade*, [s.l.], v. 28, n. 1, p. 26-34, abr. 2016.

DE SOUZA, Israel Ferraz. A Gestalt-terapia e as relações de poder: um diálogo possível. *Revista IGT na Rede*, [S. l.], p. 84 - 104, 18 ago. 2014.

DIAS, Diana Leonardo; DOULA, Sheila Maria; CARDOSO, Poliana Oliveira. Participação Política Nas Redes Sociais: um estudo entre jovens universitários. *Revista Sociais e Humanas*, [s.l.], v. 30, n. 1, p. 124-143, 27 jun. 2017.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de; GOTO, Tommy Akira. É Possível a Fenomenologia de Husserl como Método de Pesquisa em Psicologia? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, [s.l.], v. 32, n. 4, p.1-9, 2016.

FEIJOO, Ana Maria; MATTAR, Cristiane Monteiro. A Fenomenologia como Método de Investigação nas Filosofias da Existência e na Psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, [S. l.], p. 441 - 447, 17 dez. 2014.

FERREIRA NETO, João Leite. Micropolítica em Mil Platôs: uma leitura. *Psicologia Usp*, [s.l.], v. 26, n. 3, p. 397-406, dez. 2015.

FREITAS, Simone Aparecida *et al.* Fenomenologia Da Percepção Segundo Maurice Merleau-Ponty. *Faef.revista*, [S. l.], p. 1 -6, 3 mar. 2015.

GUTIÉRREZ, Miren. Participação num ambiente datificado: questões sobre literacia de dados: questões sobre literacia de dados. *Comunicação e Sociedade*, [s.l.], v. 36, p. 37-55, 20 dez. 2019.

HASHIZUME, Cristina Miyuki. Política E Instituições: Possíveis Articulações Teóricas. *Revista Reflexão e Ação*, [S. l.], p. 424 - 441, 10 dez. 2014.

JUNIOR, Nelson Ernesto. CONSCIÊNCIA, INTENCIONALIDADE E INTERCORPOREIDADE. *Paidéia*, [S. l.], p. 97 - 101, 15 out. 2002.

MARTINS, Marcos F. Uma “Catarsis” No Conceito De Cidadania: Do Cidadão Cliente À Cidadania Com Valor Ético-Político. *Revista de Ética, Campinas*, p. 106 - 118, 21 dez. 2000.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. Pragmatismo e os pragmáticos nos estudos organizacionais. *Cadernos EBAPE. BR, Curitiba*, p. 1 - 13, 13 mar. 2007.

MERTENS, Roberto. Intencionalidade: estrutura necessária a uma psicologia em bases fenomenológicas. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, p. 867-882, 13 jun. 2012.

- MOREIRA, Virginia. Possíveis Contribuições De Husserl E Heidegger Para A Clínica Fenomenológica. *Psicologia em Estudo*, [S. l.], p. 723-731, 14 dez. 2010.
- PIRES, Jesuino Junior. Considerações Sobre O Conceito De Intencionalidade Em Edmund Husserl. *Kínesis*, [S. l.], p. 286 - 302, 20 jul. 2012.
- PIRES, Jorge de Barros; SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. Sobre termos, proposições e argumentos. *Trans/Form/Ação*, [s.l.], v. 40, n. 4, p. 47-66, dez. 2017.
- POZZOLI, Vanessa Luciano. "O que entende você por pragmatismo?": Alguns confrontos entre os pragmatismos de C. S. Peirce e W. James. Orientador: Prof. Dr. Ivo Assad Ibri. 2016. 76 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC/SP, São Paulo, 2016.
- PRESTRELO, Eleônora Torres. Por uma política da esperança ou reflexões acerca do ensino da Abordagem Gestáltica na universidade. *Revista IGT na Rede*, [S. l.], p. 267 - 277, 23 fev. 2012.
- Protestos e paralisações contra cortes na educação ocorrem em todos os estados e no DF. G1.com, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/15/cidades-brasileiras-tem-atos-contra-bloqueios-na-educacao.ghtml>. Acesso em: 24 de maio de 2020.
- SANTOS, Renata Oliveira; TAGLIAMENTO, Grazielle. Os Beatles como produtores de identidade: uma análise a partir do grupo beatlemaníaco. *Tuiuti: Ciência e Cultura*, [S. l.], p. 212 - 213, 20 ago. 2015.
- SEIXAS, Rogério Luis. Éthos crítico e governo em Michael Foucault. *Ensaio Filosófico*, [S. l.], p. 184 - 207, 21 maio 2014.
- SILVA, Paulo César. A Fenomenologia De Husserl: Uma Breve Leitura A Fenomenologia Sob A Rubrica Do Pensador Alemão Edmundo Husserl. *Meuartigo.Brasilecola*, [S. L.], P. 1 - 8, 19 Jun. 2017.
- TOURINHO, Carlos Diógenes. O lugar da experiência na fenomenologia de E. Husserl: de prolegômenos a ideias. *Trans/Form/Ação*, Marília, [S. l.], p. 35 - 52, 12 dez. 2013.
- WAINBERG, Jacques A. A revolução, a luta, a resistência e o povo: os marcadores retóricos dos anos 60. *Intercom – RBCC*, [S. l.], p. 205 - 231, 12 jun. 2012.
- ZEIN, Sabrina; KNOERR, Viviane Coêlho. Microfísica Do Poder: Contribuições E Limites Da Obra De Michel Foucault. *Publicadireito*, [S. l.], p. 184 - 200, 15 abr. 2013.
- ZILLES, Urbano. Fenomenologia E Teoria Do Conhecimento Em Husserl. *Revista da Abordagem Gestáltica*, [S. l.], p. 216 - 221, 18 dez. 2007.

Recebido em: 12 de Junho de 2020
Aceito em: 30 de Julho de 2020

¹Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado. E-mail: thalytafernandes1307@gmail.com

²Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado. E-mail: anaacgv2405@gmail.com

³Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado. E-mail: danielgomesds212@gmail.com

⁴Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado. E-mail: josinoester@gmail.com

⁵Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado. E-mail: thayderla123@gmail.com

⁶Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado. E-mail: victoriacandalima@gmail.com

⁷Professor no Centro Universitário Vale do Salgado. Especialista em Gestalt terapia clínica pela Diálogos. Coordenador do Grupo de Estudos de Gestalt terapia e fenomenologia do Centro Universitário Vale do Salgado. E-mail: ericklinhares@univs.edu.br